

1.º Anno

N.º 6

Revista quinzenal, illustrada

Litteratura e critica

ALA-MODERNA

Redacção, administração e typographia

R. de Payo Galvão — Typ. Minerva Vimaranesse

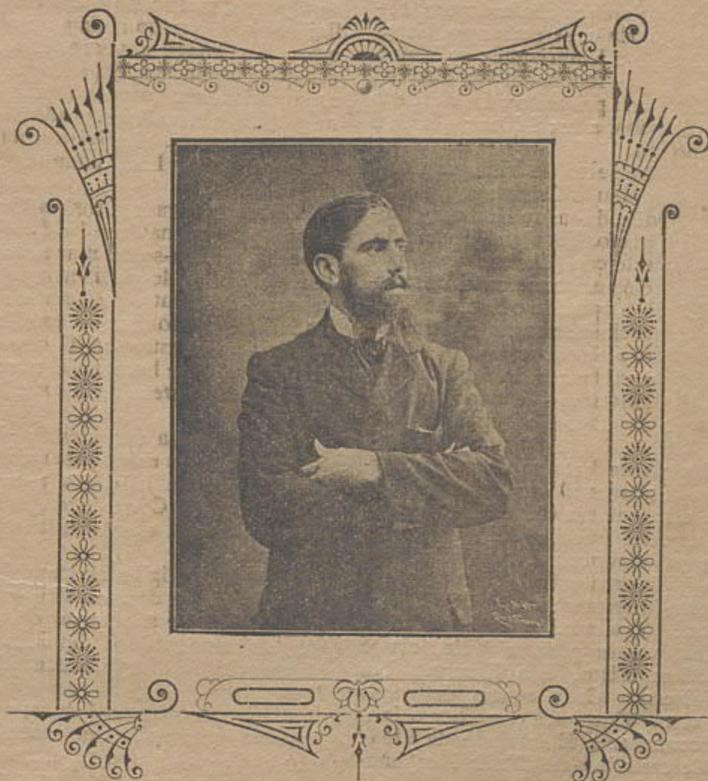
Editor responsavel

Antonio de Castro Martins

Guimarães, 10 de Outubro de 1903

Proprietario e administrador

Antonio Dantas



Abel Cardozo

ALFREDO PIMENTA

RELIGIÃO

(FRAGMENTO D'UM LIVRO)

A Alguem:

A verdadeira religião é a religião da Consciência; e a religião da Consciência é a Verdade. Como chegarmos a ella? Pela Sciencia. Quaes os Santos? Os Genios. Qual o Deus? O Pensamento agindo. Agindo p'ra onde? Para um Mundo Novo. A Sciencia é o caminho a trilhar para chegarmos á religião da Consciencia, porq. ella, dizendo francamente e gratuitamente onde a Verdade, onde o Erro, implicitamente nos mostra o *modus* como o Espirito deve laborar, e este sempre preferio a luz do Dia ao Nada da Noite. Com quem lucha o Espirito? Com o Estomago. O q. é o Estomago? Um cevado. O seu mundo é a gamella. A sua ancia é comer. O Espirito é aguia. O seu mundo é o Infinito. A sua ancia, a Liberdade. Quanto o Estomago tem de pequeno e baixo, o Espirito tem de grande e magestoso. Christo e Prometheo são Espirito. Falstaff e Rotschild são Estomago. Dos primeiros, um sonhava; ambos se revoltavam; dos segundos, um bebia; ambos chafurdavam. Espirito q. se liberta; Materia q. se embriaga. Entre a Embriaguez do Oiro e a Embriaguez do Vinho não ha differença. Nos segundos, em vez d'Alma, ha borroens de Tinta; nos primeiros, ha claroens de luz... A tinta é nodoa, a luz é ideal; a nodoa macula, o ideal santifica.

No decorrer d'este aspecto de Vida q. trilharmos, sem duvida alguma, o Estomago ou vence ou é vencido; se vence, dá-se no Homem a imperfeição absoluta (Tartufo, Yago); se é vencido, dá-se a perfeição-imperfeição (Christo vivo), por q. a perfeição-perfeição só existe na maxima substancialidade do Espirito, quando o Espirito, desprendido dos corpos parciais, se torna espirito total (Christo-morto, Deos-Natureza).

A Natureza é a personificação do Pensamento agindo, como no Catholicismo — e não Christianismo — um pedaço de trigo é a personificação d'um Deos.

A Natureza é a eterna batalha de seres eternos. Victorias ou desastres são mudanças; nada mais. A Morte é uma palavra vã. Ella é tam somente a mais pequena fracção de tempo q. o cerebro humano pode conceber, em q. se dá a passagem d'uma Vida para outra Vida.

O q. ha? Morte-Nascimento. Donde viemos? Para onde vamos? Mystério. Viemos da Vida, estamos na Vida, vamos para a Vida, eis o que se sabe. Alem d'isto, é o Escuro. Um cadaver é um Universo. Custará a conceber o Infinito, custará a conceber a Eternidade da Vida; custará, mas pode conceber-se. Nada é impossivel conceber-se no Absoluto.

A Sciencia é outra estrella de Bethlem. E quando digo Sciencia refiro-me á conquista intellectual que a Humanidade faz. Ella trabalha em prol do Espirito. Por isso ella sac ou do gabinete do Philosopho ou do Laboratorio do Chimico. O que é a Sciencia da Guerra? E' a Patifaria mascarada. Boudha não precisa de sabres, Christo não precisa de espingardas; Tolstoi despreza os canhoens. Quem precisa d'isso? Napoleão. E quem é Napoleão? um

assassino. Glorificado? sim, porq. *l'immensité du meurtre fait la gloire du meurtrier.* (1)

Um faminto, para comer um pão, matou um homem. Q. lhe fazem? Enterram-n'o em Africa. Mousinho d'Albuquerque, covardemente e traçoicamente, prende um homem, canalhamente, fusila dois, tem, atraz de si, um passado de assassinatos, e que lugar lhe reservam? O de perceptor de principes. Passa na rua. Charangas tocam. Madamas lançam-lhe flores das janellas. Quem é? dizem: um heroi; eu digo: um criminoso. Mandem callar as muzicas; abafem os vivas. Escutem. Que se ouve? Soluções de Mães, gritos de Noivas, choros de Creanças... Por roubar dez réis, a Eternidade na enxovia, por roubar milhoens, *crachats* ao peito... Q. forma politica tolera e defende isto? O Constituido. Que religião abençoa isto? A religião do Estomago. Em que se appoia ella? na lama. E a religião da Consciencia? na luz! Porq. ella é a Verdade.

A Verdade está em toda a parte: no atomo, no grão d'areia, na gota d'agoa, na luz do sol, na decomposição do Cadaver, no perfume d'uma flôr. Porq.? Porq. a Verdade é a Vida e tudo tem Vida. Todos vêm a Verdade, nem todos querem acceita-la. Quais? Aquelles em quem o Estomago predomina. O Estomago não quer luz, quer treva; e a Verdade é Luz. Luz grandiosa e sagrada, eterna e infinita...

Quanto mais puro o espirito, mais pura a religião, porq. quanto mais pura a Alma, mais pura a luz. Estomago q. vence, luz q. se apaga. Trevas q. se espancam, Espirito q. triumpha. Tantas as consciencias, quantas as religioens: gradação na perfeição das Almas, gradação na perfeição das religioens; porq. a religião sendo a Verdade e a Verdade sendo Luz, como a Luz admite gradaçoens.

Então ha gradaçoens na Verdade? apparentemente, como na luz. No fundo, é uma só; no aspecto, mostra-se de maneiras diversas: revelou-se d'um modo na libertação dos Escravos, revelou-se ha d'outro na emancipação absoluta do trabalhador. Mostrou-se em Christo combatendo o judaismo, mostrou-se ha com os anarchistas na confraternidade humana e, mais tarde ainda, com Alguem, na *fraternidade cosmica* em q. Junqueiro sonha.

A religião da consciencia é a suprema perfeição de todas as religioens, é a idealisação supra-sensível da Idéa, é o acto de desintegração do Espirito do Corpo para, uniformizado com a alma universal, agir num caminho de Luz e de Justiça...

Ora esta religião não tem dogmas, e não pode te-los, porq. os dogmas são proposiçoens mentirosas, filios de subtilezas absurdas e de sophismas criminosos e o Espirito é, elle mesmo, a substancia da Simplicidade, idéa ontologica da Luz.

Não tem cultos externos, ou melhor, não tem praticas proprias, com sacerdotes e templos, e não pode te-las, porq. essas cerimoniaes vivem para satisfazer os sentidos e não o Sentimento; e o Sentimento é Espirito e os sentidos são materia. Para seguirmos a propria consciencia, e é nisso q. assenta a verdadeira religião, não precisamos de missas e de altares; precisamos de ser Espirito; precisamos de ser Amor, Verdade e Justiça.

Coimbra, 1903.

(Inédito).

(1) Eugène Pelletan, *Les uns et les autres*, pag. 295.

JOSÉ AUGUSTO DE CASTRO

LOUCURA

*A uma Senhora que chama
aos poetas loucos.*

Senhora, o poeta é louco! Ah! loucura sublime
a que o homem eleva ás concepções do Bello.
A poesia é amor — para remir o Crime!
A poesia é luz — e forma o Setestrello!

De que Oceano sahiu a perola do beijo
para adornar a fronte ás creanças e aos noivos?
Quem ateou no peito as áscuas do desejo,
e os sepulchros cobriu de prantos e de goivos?

Quem suspendeu no espaço a Via-Lactea immensa,
e disse á manhã: — Ri! e disse á tarde; — Chora!
Quem pôz sobre a alma humana um docel d'oiro — a Crença;
e sobre a alma da Terra um docel d'oiro — a Aurora?

O symbolo da Fé, que sobre o altar se eleva,
que mão o libertou da infamia que o cobria?
O amor, sómente o amor deu luz áquella treva,
e o amor, vêde, nasceu do riso da poesia!

Ah! loucura sublime a dos que vão cantando
as estrophes do Bem, da esperança e do Sonho,
e andam, de povo em povo, o effluvio levando
d'uma ambição mais justa e um mundo mais risonho.

A poesia é tudo: a crença, o sonho, o riso,
a saudade do campo, a esperança do Berço...
E a luz da fé que mostra a luz do Paraíso
foi o poeta que a fez ao burilar d'um verso.

Podeis chamar loucura á rutilante chamma
que nesses craneos arde em convulsões, Senhora!
Os Deuses d'ella vêm: Iahavé, Jesus e Brahama
sahiram d'essa luz — mixto de raio e aurora!

Deixae que o poeta fique, alta noite, sosinho,
a contemplar a estrella, o azul, a immensidade;
porque busca no céu descobrir o caminho
por onde o homem ha-de ir para a Felicidade.

Podeis chamar-lhe louco, elle não ouve... Escuta
o ulular do oceano, o soluçar do vento,
a voz das ambições, das invejas em lucta,
e da miseria erguendo o olhar ao firmamento...

E pede, a alma ajoelhada, anciosa, dolorida,
ante o altar da illusão que em sonhos entrevê,
mais luz para os que vão pela estrada da vida
sosinhos, a chorar, sem amor e sem fé!



ZULMIRA DE MELLO

BUCOLICA

Dá-me o braço; vem ver estas campinas
Que além vão ter á sonora fonte.
Olha o rio: um espelho; e aquelle monte
A perder-se nas cêrulas neblinas!

Rubras papoilas, candidas boninas
Riem ao sol, que foge no horizonte.
Pela desmornada e velha ponte
Segue um rebanho, ao toque das businas.

A branca moleirinha, sorridente,
Vae caminho da azenha pittoresca,
Atraz do seu burrinho diligente;

E' perfumado o campo; a briza fresca;
Cantam os rouxinoes com voz dolente:
Vivo em ti, oh paisagem romanesca!

8-X-03.

(Inédito).



ALFREDO GUIMARÃES

Abel Cardozo

Em Portugal, de todos os processos artisticos,
o da pintura é o que mais se tem desenvolvido,
e cuja representação lá fóra mais tem honrado,
com a extraordinaria pleiade dos nossos Artistas,
este torrão desgraçadamente infeliz.

Com as do Gremio — Artístico, as exposições
de Paris, Berlim e Madrid, são a afirmação intel-
ligente do muito merecimento intellectual e ar-
tístico dos pintores portuguezes.

Columbano, o goyêsco divino, senhor d'uma te-
chnica original, soffre em cada sombra; grita na
carnação flamante d'uma botoeira incendiada; na
tonalidade triste d'um fundo verde d'absintho,
chora uma saudade tenue e enlanguescida; e como
no amarello morde no desespero secco da côr
morta, no branco é frêscico e meigo como um tarro
de leite...

Na sua Obra, como na de *Baudelaire* e *Ver-
laine*, a emoção vive na exotica tonalidade da côr.

No olhar d'essa divina cabeça de *Anthero de
Quental*, vive todo o aneio do santo evangelista
dos *Sonetos*.

No de *Eça de Queiroz*, o monoculo mordaz e
cortante como um bisturi retalha, na febre da sua
ironia, o ridiculo do Damazo Salcedo, e afaga, no
amor do seu grande coração, a figura serena do
Rabbi na sua peregrinação de paz pelos vinhêdos
loiros da Samaria.

Emfim, *Columbano* é a maior organização artística da terra portugueza.

Malhóa, alegre como *Silva Porto*, escolhe e anima as scenas ruidosas da vida popular. E' vêr nas suas telas como as romarias são alegres; como a carnação dos camponios é sadia e trigueira; como um ébrio, na volta d'uma romagem, é engraçado, e um burguez velhote, no seu guarda-pó de linho, é patusco e boçal. E todos elles respiram uma felicidade invejavel na sua vida de homens que labutam, mas não pensam...

Salgado é talvez o nosso Artista menos nacional.

Pouco característico, é por vezes frio e duro nos assumptos, como na extrema correcção do desenho.

Quem no repouso d'um quarto de trabalho de-sejar um aspecto rustico e engraçado da vida á beira-mar, tem nas telas do pintor *Vaz* uma exacta reprodução do typo do pescador da costa portugueza, de carne bronzeada e rija, olhos pequeninos e penetrantes, d'uma construcção herculea, soberba de força!

Nas suas telas, pequeninas e tristes, sobre um mar largo e mysterioso deslisam, ora um *cahique* algarvio, ora o *catraio* de Villa do Conde, ou mesmo o *galeão* arabe com que os Portuguezes do seculo xv atravessaram o Cabo-da-Bôa-Esperança, a caminho da terra Malabar.

Columbano, *Malhóa* e *Vaz*, definem perfeitamente, na sua Obra, os sentimentos característicos da nossa raça.

O primeiro sonha e chora no *Christo* agonizante; pensa e soffre na cabeça de *Anthero*; e chega á emoção extrema de nos coçar o coração ante o retrato do distincto psycholo *Raul Brandão*, o artista exotico da *Historia d'um palhaço*. *Malhóa*, é o pintor das festas da nossa aldeia. Nas suas telas ruidosas dançam moçoilas frescas e rosadas; vendem-se cravos a 5 réis, apregoa-se limonada, canta-se o fado, tudo é alegria! embora todos imaginem o desconsolo da volta. E por ultimo, *Vaz*, o pintor do mar que nos embalou em sonhos durante seculos, e que, na sua voz chorosa, ainda parece chamar pela nossa raça, como se para além do seu corpo ancioso, ainda houvessem Indias para a conquista...

*

Estas notas sobre alguns dos maiores pintores portuguezes — producto d'impressões — são chamadas aqui pelo motivo de ter de fallar d'um Artista, que é um dos mais ricos temperamentos estheticos que eu conheço.

Abel Cardozo é uma d'essas figuras que se impõem pela sua fina organização artística, e pelo oiro real do seu character. Naquella rua estreita e esguia, onde o silencio é apenas vencido pelo rodar arrastado e monotono d'alguuma car-

ruagem, nos baixos d'uma habitação burgueza, ao bater das palmas, tem, cada visitante do seu *atelier*, na sua frente, a figura d'um moço alto e corpulento, de longa barba ondeada, olhos doces, labios rubros e sensuais, sempre triste no seu facto negro, com um sorriso para todos, que o torna desde os primeiros momentos um amigo de franca convivencia, mesmo para os que menos vezes o tenham cumprimentado. A galeria do seu *atelier* é grande e rica.

Principiêmos.

Alli, morena e ativa, expressiva e artistica, a cabeça do poeta *Marianno Gracias* que já mereceu a *Valle e Souza*, o distincto critico d'Arte, referencias honrosissimas para *Abel Cardozo*.

Adiante, o estudo A NORTE...

Sobre uma cidade silenciosamente adormecida, num céu levemente azulado, uma cabeça linda de Mulher morena, nimbada d'um disco argenteo de luz, fita melancolicamente a cidade mysteriosa, com os cabellos obrigados á frente por uma fita azul cravejada de estrellas. A cabeça é triste. E o silencio que envolve a cidade dá-nos a *nuance* d'um velho burgo adormecido em paz.

A *Velha Bretã* é uma mulherzinha fresca, com o rosto rugoso e tostado do sol. Ha no seu olhar uma expressão de bondade candida e adoravel. Esta cabeça, de uma precisão de linhas rigorosa, é um dos mais bellos quadros do Artista.

Uma tela pequenina, que está proxima da janella do *atelier*, causa nervos!

Segundo a narração biblica, ante a catastrophe formidavel do *Diluvio*, os homens seguiam, loucos de dôr, esfaimados e nus, para os cumes, onde todos viam, com esperança, um exilio á lucta colossal do mar. Quasi vencidos, os desgraçados, blasphemavam horrorosos, e apertavam dolorosamente a cabeça. Mas eis que a corrente desce rapida, e um grupo, que chorava afflicto sobre uma rocha magra, rola brutalissimamente, tragico e frio, pelo despenhadeiro a contorceer-se desesperado. E' naturalissima a queda d'aquelle colosso de corpos miseraveis. A carnação branca e fria dos naufragos, commove com o seu aspecto desgraçado e sobrio.

A cabeça de estudo do distincto contista *Eduardo d'Almeida* é flagrante. Como a do poeta *Marianno Gracias*, aquella cabeça pensa, e no olhar do retratado ha como que a lente graduada com que Elle costuma analysar o ridiculo e a canalhice do *Burgo Podre*.

Como o paysagista *Candido da Cunha*, *Abel Cardozo* é um Artista emotivo e elegiaco. O assumpto das suas paysagens — triste como todos nós — é de preferencia um poente roxo e agonizante; uma ermida silenciosa e antiga; ou como o d'uma das suas ultimas telas, um renque de chorões nostalgicos e indolentes, que dão á tela pequenina o halo vago d'uma lyrica tristeza.

E' longa a lista dos trabalhos de *Abel Cardozo*, mas dos que não especializei ainda, merecem preferencia, pelo seu aperfeiçoamento artistico e delicada emoção, o *retrato* do sr. Francisco Jacome; a *Pagina artistica* do numero especial da «Revista de Guimarães» dedicado á memoria do sabio Martins Sarmiento; a *Cabeça de turco*, uma tela primorosa; o *Forno*, a *Tapada de Gondomar* e muitas outras, ás quaes a precisão de terminar me poupa referencias.

Abel Cardozo cursou a *Academia de Bellas Artes* do Porto (1889-1896) onde teve como professor de desenho historico o distincto paysagista *Marques d'Oliveira*, e em pintura o fallecido professor *João Corrêa*. Concluidos os cursos de pintura e esculptura no Porto, seguiu para Paris, onde frequentou a *Academia Julien*, sob a direcção artistica dos grandes pintores *Benjamin Constant* e *Paul Laurens*. Ainda em Paris foi discipulo de *Gerôme* na *Escole National de Beaux-Arts*, até 1898. Depois, obtida no primeiro dos institutos francezes uma menção honrosa, *Abel Cardozo* regressou á sua terra, onde os seus amigos são tantos quantas as pessoas que o conhecem.



JULIO DANTAS

VELHINHA

Velhinha religiosa, que um desgosto
Sobre as lageas arrasta, de giolhos:
Bentas sejam as lagrimas que hão posto
Rugas em volta dos teus verdes olhos!

Rezas com teu rosaryo nas mãos ageis
Pela netinha loura que morreu:
Disse-te um padre que elle está no céu,
E inda ha d'ella na terra uns ossos frageis.

Enregélas o débil corpo frouxo,
Diante d'um Christo macilento e rôxo,
E a chorar os teus olhos se consomem:

Velha tropega! o teu martyrio agro
Não vê apenas, nesse Christo magro,
A estátua que sahio das mãos d'um homem?



B. LOPES

MARCHA DOS BEIJOS

Olhae: — é o beijo azul dos namorados
Na bocca em flôr da carne pubescente;
Beijo cinza — na face o indifferente;
Beijos da seducção, beijos doirados.

Beijo verde de um par de mal casados
E o da Ternura, em nacar esplendente;
Beijo rubro, minaz, mostrando o dente,
—Beijo do ciume, dos desesperados!...

Beijo de magoas, beijo de desgraça,
Em roxo, em lyrio, e em desoladô assomo!
O beijo roseo dos amantes passa...

Beijo amarello, e um outro negro vejo:
Os de inveja e traição; mas nenhum como
O branco, o eterno, o derradeiro beijo!



AFFONSO LOPES VIEIRA

SONETO

Tem a minha visinha costureira
Um filhito tão pallido! infézado...
Dá-lhe para chorar: e eil-o agarrado
A' mãe, chorando uma manhã inteira!

Ella, na melancholica canceira
Da sua vida, qué-lo ver calado:
E diz-lhe: chora mais, anda! coitado!...
Não acabes a tua choradeira!

Se isto ouve a creança então calou-se.
A mãe insiste, e elle calado; óra!
Santo remedio, esse, p'ra o calar.

Oh! Se a nossa alma uma creança fosse!
Mas quanto mais a gente lhe diz: chora.
Mais ella tem vontade de chorar!..



EDUARDO D'ALMEIDA

PELA ESTRADA

Agora, a caminho da aldeia, do casinholo
arruinado onde nascera e por ondê medrara,
dos irmãosinhos gordos e sujos, do caldo
áspero mas bemdito, achava-se forte na re-
solução de não querer servir na cidade.
Escurecia. Pela estrada desenhava-se a

ala funebre das arvores. Longe, tinha o chovalho d'umas mulas.

O pai, o velhinho, talvez lhe ralhasse, talvez lhe batesse, como num outono, quando ella se esqueceu no monte a ver as chammias alegres d'um pinhal incendiado.

Mas, no adeus, a mai chorára tanto...

—Foge das más companhias, minha filha. Apega-te com o teu anjo da guarda, resa-lhe muito para que elle te livre das tentações do demonio.

E a innocente que, pela quaresma, balbuciava medrosa, no mysterio do confessorario, as suas infantilidades e ouvia, recolhidamente, os conselhos do cura, aprendera e soubera, em dois dias só, que se pôde fazer muito mal, merecer o inferno, crucificar de novo o bom Jesus do altar da capellita. Tudo o que vira era o peccado, um peccado feio e terrível como as historias dos francezes e a estrangulára quasi na revolta maguada da sua crença.

Nossa Senhora é que a mandára voltar para os pais — ella bem ouvira uma voz branda e carinhosa no fundo do seu ser.

Havia de contar tudo e era impossivel que lhe não perdoassem.

—Fizeste bem. Ceia e dorme.

Suava, afflicta, ao peso do bahu. Meu Deus, era tam longe ainda! Na sua alma pequena e imperfeita, entrára um frio estranho e tinha medo, muito medo da noite, da estrada e dos homens, a pobre creança que só conhecera o riso, que só amára o sol. Os seus passos, tremulos e apressados, esboroavam, num ruido molle, a lama secca. De repente parava, olhava para traz, como para se certificar de que a figura illuminada da cidade a não perseguia e realmente ella se afastava na sombra do valle. Porque, quanto mais caminhava, mais intensamente lhe vivia no cerebro a memoria do que soffrera, na desolação, no abandono de si propria.

A principio, a cidade alegrára-a, como o desconhecido, como boneca preciosa, com as ruas compridas, as casas apalaçadas, as lojas de sedas, uma romaria constante de fidalgos e de senhoras, num luxo que nem os anjos da precissão. A casa em que a recebiam, ficava num grande largo, cheio de arvores exquisitas, por onde rodavam, sonoramente, carros.

Se tivesse juizo, a senhora não a despediria e, pouco a pouco, amontoando as soldadas—para que queria ella o dinheiro?—dava á mai, numa surpresa, aquelle lenço de ramagens vermelhas que vira. Sonhára tantas noites com a fortuna de poder andar noutra vida menos pesada, ter muitas egre-

jas em que se resam missas, muitas festas, a musica, aquillo tudo illuminado e grande!

Depois, era preciso comer, trabalhar. O pai, coitado!, andava carregado com os annos, o tempo corraera mau para as vinhas... Pelo verão, quando os senhores estavam na quinta, era ella quem ajudava na cozinha e varria a casa, a cantar de alegria pela vida nova.

Mas, fôra-a encontrar tam differente!

Custava-lhe a perceber... A senhora, ao ordenar-lhe o serviço, os recados a que tinha de ir, disséra-lhe seccamente:

—Tem muito juizo. Eu não quero creadas com namoros. A minha casa é séria e eu não admitto porcarias... Quem quer bôa vida vai para a D. Joaquina, para a vizinha. E as contas muito direitas. Tolas e ladras não me servem. Digo isto d'uma vez para sempre.

Ficára triste e desconfiada todo o dia e, á noite, no quarto abafado e estreito, sossinha, contorcendo-se na cama que chiava, chorára muito, nervosamente, sem vergonha, como agora no silencio da noite, atterrada da vida, querendo penetrar o mysterio do que vira e do que lhe disseram.

Era uma crise torturante: a companheira, mulher alta e robusta, que a fitára diabolicamente, a modos de babosa, e rira — Vens em bom tempo, rapariga. Agora pandega? Tu pareces apanascada? Foi com o que te prérgou o espantalho da senhora? Verás como ellas se fazem... —; a perseguição nas lojas, porque todos a chalaceavam nuns palavrões de arripiar—um rapaz novo, com vinculos vermelhos de doença nos olhos, os proprios caixeiros, qualquer fazendista careca de voz aflautada; o galucho sardento, mal cheiroso, umas botas enormes, que a beliscára brutalmente, á esquina do jardim, perguntando-lhe se queria ganhar um pataco; o escarneo das moças, das que serviam como ella, quando fôra á fonte—até certa rouca, bonita, que namorava o filho d'um louceiro, chegára mesmo a apalpa-la! Não podera adormecer e, assentada na cama, affogueadamente, a camisa grosseira de linho ensopada em suor, repelia o terço, num grande desejo de que o dia não chegasse ou ella morresse ali, na noite eterna e socegada.

A manhã viéra e o martyrio tambem. Todos se apostavam em maltratal-a, em dizer-lhe coisas malcreadas e incompreensíveis, querendo partir, como vidro, a sua alma pequeninha e desflorar a ingenuidade que trouxera do campo. E, por um homem feio, hexigoso, os bigodes amarellos, a ter chamado com descaro, no meio de toda a

gente, correu pelas ruas fora, num grande desequilíbrio, a tropeçar nas saias. A senhora resmungava já que não queria fedelhos que tresandassem a agua benta.

Veu-lhe então, o desejo vago, apavorado, de fugir para os pais, para a aldeia. Nessa noite, voltou a encontrar o doido, corrido por garotos que lhe arremessavam pedras, achincalhado por todos.

—O' Leão, ó Leão!

E a figura curvada do idiota, do pobre velho, metten-lhe tal dô e tam grande susto que se decidiu, energicamente, a partir.

—Eu vou-me embora.

—Tens uma grande bôlha, mulher!

Accommettera-a um cansaço febril, vergavam-lhe as pernas, abafava com a carga do bahu. E as arvores esgalhadas, magras, lembravam phantasmas que fossem ao enterro do doido miseravel.

Quasi de rastos, a garganta presa —battia-lhe com força o coração—, julgava-se ainda no meio da malta que cossava o velho sineiro.

—O' Antonio, cheira a testo!

Repontando, brandindo a bengala, a sombra em arco, elle caninhava ruas fóra.

—Canalha!

Um policia instigava um garoto a que berrasse e por toda a cidade, dia e noite, como espectaculo gratuito, como divertimento da praxe, vergastava-se aquelle homem.

—O' Leão, ó Leão!

O pai não lhe devia bater. O pobre louco era, afinal, a historia da terra, dos costumes, da educação d'aquella gente, do povo que a tinha perseguido, que tentára arrastal-a ao peccado, que a quizera comprar por um palaco.

Não tinha ninguem que a defendesse. Se as companheiras a escarneciam...

Meu Deus, era tam longe ainda! Quem a levára até os irmãosinhos, até a mai, para socegar e enxugar as lagrymas...

Fazia-se tarde. Tinha de bater e o pai zangava-se.

—D'onde yens tu a estas horas?

E o velho já não podia com os annos... Adivinhava-o enfurecido, a crescer sobre ella nos seus passos trôpegos.

—Vai trabalhar! Só queres comer?

Tinha razão. Tam crescida e não prestar para nada...

Oh! mas a cidade não! Antes o monte, uma côdea.

A cidade matava-a.

Tropeçou numa pedra e extenuada, os cabellos a empastarem-se-lhe nos olhos, caiu

na valêta. O bahu estalou surdamente no cascalho. Ajoelhou-se, numa grande dor, as mãos erguidas, olhando o ceu.

—Ave, Maria, cheia de graça...

Assim, no segredo da noite, a creança se equalava à mai do Rabbi. Ambas sentiram a canalha brutal e sanguinaria que apupa o homem faminto. E o sineiro idiota, andrajoso na sobrecasaca pelintra, vale, pelo soffrimento, o caminhante philosopho e desgraçado que, pelos campos da Judêa, numa loucura de genio, perdoou a prostituta.

Guimarães,—outubro 6.

(Inédito).



LADISLAU PATRICIO

Recordações

No declinar banal d'uma affeição,
Tudo relembra a mágua do destroço...
E vê-se em cada peito um coração
Gosando um grande bém que já foi nosso!

Desejamos saber se ainda existe
Algum signal do amor d'essa mulher;
E consultamos, numa esp'rança triste,
As pétalas fataes d'um málmequer...

D'um málmequer que a gente, a medo, esfolha,
Com mais uma illusão que se entre-olha
Na ultima das pétalas tirada...

Folha que cae num rodopio louco,
Perante os olhos, a dizer-nos — pouco;
Dentro da alma, repetindo — nada!

Coimbra, 1902.



GUEDES TEIXEIRA

Negra

Negra! tal foi como a chamei no dia
Em que passou por mim e que a fixei,
Feia como eu até ha pouco a via,
E altiva como nunca mais a achei.

Vestia d'um vermelho que a incendiava,
Como o sol incendia todo o ceu,
Essa esbelta mulher que foi escrava
Num formoso paiz que lhe esqueceu.

Eu tenho-a aqui nas mãos e quero-a erguida,
Fosse eu pintor havia de pintal-a:
Assim, poeta como eu sou, na vida
Para a poder dizer tenho d'amal-a.

Tenho d'erguel-a á grande luz sagrada
D'isso que outr'ora foi a inspiração,
E que hoje é a dôr da existencia dada,
Num momento, atravez do coração.

Olhos negros, negrissimo cabelo,
Negrissimo esse corpo de serpente;
Negra! Uma negra o meu amor! dizel-o,
Dá-me o grande prazer de ser diffrente.

Todas as noites proseguindo o escuro,
Ouvindo apenas do meu paso o som,
Eu vou p'ra ella como p'ra o futuro,
Incerto e doido mas confiado e bom.

Descanço os olhos numa ou noutra estrella,
Mas de repente fico deshonesto;
Negra a minha alma, a horrivel posse d'ella
Toma a perversidade d'um incesto.

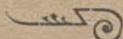
Deixa-me negras seu braço e ao vel-as,
Como lembrança d'um extranho amor,
Beijo-as; não são apenas pisadelas,
São um pouco tambem da sua côr.

Ao fim da noite, quando nasce a aurora,
Diz-me—Não voltes!—Penso em não voltar...
Mas mais horas p'ra frente e eu quero a hora
De a ter embora só para a deixar.

Como é bom tel-a sob a carne ardente,
Lindas palmeiras balouçando as palmas
Em pallio sobre nós, enquanto em frente
Choram com dó de nós as nossas almas.

As nossas almas! Como isto faz rir!
As nossas, não! a nossa, que é só uma,
Essa que nós tivemos de partir
P'ra nos dar a illusão de ter alguma.

Toda a vulopia o seu corpo m'a encerra,
Pode a vida findar, sinto-me em alguém;
Oh poetas que tem a minha terra!
Femeas que sois o amor que elles vos têm!



TEIXEIRA DE PASCOAES

Noite

A noite cáe. Os astros vão sonhar,
Longe da luz do sol que anoiteceu...
E em ondas de Mystério, devagar,
Chegam á terra os sonhos lá do céu...

E sonhamos tambem... No azul do ar,
Meu coração as azas desprende...
E assim como uma estrella desce ao mar;
Elle sóbe, em segredo, até ao céu...

Oh mysterios da noite, que eu adoro...
Almas que no Infinito vagueaes
E me appareceis nas horas em que choro,

Porque é que só na noite indefinida,
Assim como as estrellas, revelaes?
A' nossa dôr, que tendes luz e vida...

OLAVO BILAC

A' ultima

Inda hoje, o livro do passado abrindo,
Lembro-as e punge-me a lembrança d'ellas:
Lembro-as, e vejo-as, como as vi partindo,
Estas cantando, soluçando aquellas.

Umás, de meigo olhar, piedoso e lindo,
Sob as rosas de neve das capellas;
Outras, de labios de coral, sorrindo,
Desnudo o seio, lubricas e bellas...

Todas formosas como tu chegaram:
Partiram... e, ao partir dentro em meu seio,
Todo o veneno da paixão deixaram.

Mas, oh! nenhuma teve o teu encanto,
Nem teve olhar como esse olhar tão cheio
De luz tão viva, que abrazasse tanto!



Expediente

Para fazer face ás avultadas despesas
que a publicação da nossa Revista de-
manda, vamos em breve proceder á co-
brança do primeiro semestre de assi-
gnatura.

Não obstante as despesas de cobrança
postal se tornarem um pouco mais dis-
pendiosas os recibos apenas serão sobre-
carregados com 50 réis para expediente
e para as alludidas despesas.

Rogamos, portanto, a todos os nossos
obsequiosos assignantes a subida fineza
do immediato pagamento logo que lhes
sejam apresentados os recibos, a fim de
nós pouparem novas despesas e sacrifi-
cios que muito oneram a empreza.

A correspondencia sobre assumptos
de administração, vales, etc., devem ser
dirigidos ao administrador — Antonio Dan-
tas — Rua de Payo Galvão. Guimarães.